CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO AFRODESCENDENTE ATRAVÉS DAS CASAS DA FICÇÃO NAS NARRATIVAS LITERÁRIAS DE TONI MORRISON E ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Lianja Soares Aquino (UFT)

Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância das narrativas literárias para a construção da identidade. Para tanto, serão analisados as obras: Amada, de Toni Morrison e Os cus de Judas, de António Lobo Antunes, com ênfase nas memórias, traumáticas, dos protagonistas dessas obras e na influência da casa da ficção num contexto de conflitos pessoais e sociais em que estão inseridos.

Reproduzida por muitas pessoas é a frase proferida por Dorothy em O mágico de OZ, escrita por Baum (p.36, 2011): "Não há lugar como o nosso lar". A repetição da frase da obra 'O mágico de Oz' dá espaço, no plano real, para essas histórias literárias. A ficção ganha o seu espaço, por tanto, no cotidiano, justamente pelo valor sentimental e utilitário que proporciona à vida das pessoas.

Outra obra literária que retrata bem a relevância que tem a casa, desta vez num viés social, seria Capitães da Areia, do autor Jorge Amado. A obra pinta a vida de algumas crianças que vivem abandonadas nas ruas da cidade de Salvador e que juntas fazem de um trapiche, situado na beira do cais, o lugar em que descansam o corpo e até mesmo sonham outra vida.

Há no interior de cada pessoa conflitos que os muros e paredes de uma casa nem sempre podem esconder. Fantasmas do passado podem causar desconfortos e agitações tão devastadoras em uma família a ponto de medos e segredos repercutirem em toda uma vida de silêncios e sofrimentos. E a casa, que pode ser sinônimo de conforto, completude e aconchego, em alguns momentos, também pode ser claustrofóbica e refletir solidão e insegurança.

Seja num trapiche, como em Capitães da Areia; ou em uma pequena fazenda, como em O mágico de Oz, a casa tem um lugar importante dentro do contexto literário

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

porque pode conduzir o leitor à sua realidade, ou fazer refletir sobre a realidade do outro. Cosson (2009, p.17) afirma que é no exercício desta que "podemos ser outro, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência, e ainda assim, sermos nós mesmos".

Em cada casa da ficção que o leitor literário desejar entrar terá uma experiência única. As leituras são individuais quando se leva em consideração que cada leitor tem experiências diferentes. As suas escolhas e pensamentos são guiados por grupos de pessoas que vivem no mesmo espaço pessoal e social, ou seja, depende da cultura em que o leitor está inserido. "[...] cada cultura segue os seus próprios caminhos em função dos diferentes eventos históricos que enfrentou" (LARAIA, 2003, p.36). Trilhar caminhos desconhecidos através da literatura é como viajar para uma terra desconhecida sem mover-se do lugar. É conhecer a cultura do outro. Viajar na leitura literária é conhecer o outro e se reconhecer por intermédio do outro, é construção de alteridade.

Sabe-se que a construção do pensamento crítico está intimamente ligada à construção de alteridade. Num viés filosófico, a alteridade é a alteração de si, quando em contato com o outro. Essa alteração ocorre, quando em relação com o texto literário, por exemplo, à medida em que lendo sobre as experiências, mesmo que subjetivas, de outras pessoas, o leitor interage, e pensa a sua própria condição diante da narrativa lida. Silva (2012, p.24) explicita que:

> O sujeito nunca é idêntico a si mesmo, mas constantemente vem a ser, como uma existência narrada para si e que se constitui nessa trajetória diferenciada. O sujeito nunca se constituirá totalmente como realidade fechada em si mesma, porque a subjetividade não é mais do que a ação de tornar-se sujeito, constantemente reiterada. E a alteridade faz parte desse processo, porque a ação de tornar-se sujeito inclui a constante alteração de si e nunca a repetição do mesmo.

Todas as experiências sejam elas reais ou ficcionais são acréscimos necessários para a formação intelectual, individual e social. Intelectual, no que diz respeito à leitura, escrita, construção de sentidos, estética. Individual, que são as inferências realizadas a partir das experiências vivenciadas no ato da leitura, considerando a leitura como um

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

ato solidário e não solitário. Social, quando coloca no centro da narrativa, pessoas, culturas e situações numa perspectiva igualitária.

As obras Amada e Os Cus de Judas têm em comum as marcas que um passado de colonização deixa nas pessoas, gerando sentimentos tumultuados e dolorosos. As relações pessoais e sociais marcadas pelo silêncio e as relações de oprimido e opressor também são temas que representam as relações entre colonizado e colonizador. Isso pode ser visto, detalhadamente, no que se chamou aqui de as casas da ficção e que serão analisadas nas obras a seguir.

Beloved [amada], de Toni Morrison

Beloved [Amada] é um romance escrito por Toni Morrison baseado em fatos reais. A história se passa nos Estados Unidos, no final do século XIX e tem como protagonista Amada, filha, morta, de Seth, que assombra a casa em que vivem Seth, Denver e Baby Suggs. As três mulheres são negras e contam, ao longo da narrativa, de forma não linear, os anseios e os conflitos existenciais que assolam o convívio na casa em que, dividem num silêncio sepulcral, as marcas do assassinato cometido por Seth e as dores que a escravidão deixou como lembrança após a abolição da escravatura.

> Lá onde eu estava antes de vir para cá, aquele lugar é de verdade. Não vai sumir nunca. Mesmo que a fazenda inteira- cada árvore, cada haste de grama dela morra. A imagem ainda está lá, e mais, se você for lá- você nunca esteve lá-, se você for lá e ficar no lugar onde era, vai acontecer tudo de novo; vai estar ali para você, esperando você. Então, Dever, você não pode ir lá nunca, Nunca. Porque mesmo agora que está tudo acabado – acabado e encerrado -, vai estar sempre lá esperando você. Foi por isso que eu tive de tirar todos os meus filhos de lá. De qualquer jeito. (MORRISON, 2001, p. 64)

No trecho citado acima, Seth conversando com a sua outra filha, Dever, explica sobre a fazenda onde morava e traduz os sentimentos que carrega mesmo após a liberdade que a fuga daquele lugar lhe proporcionara. As marcas do que viveu enquanto escrava na fazenda permaneceria em suas lembranças mesmo que não existisse mais a estrutura física do lugar. As lembranças, terríveis, que Seth descreve são formas que a

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

autora Toni Morrison encontrou para levar ao leitor a problemática das comunidades afrodescendentes.

Afirmar que o negro depois da abolição da escravatura estava livre para viver a sua vida como bem quisesse no plano do discurso pode parecer simples e até satisfatório em termos de igualdade. Mas no momento em que se conhece os sentimentos pós-coloniais, neste caso, dos que foram oprimidos, entende-se melhor que o termo pós-colonial não pode romper com o passado porque o passado permanece nas pessoas que tiveram essas experiências opressoras.

Dessa forma, a literatura é não somente um meio de entender um povo, uma cultura e o pensamento ideológico de uma época. É também fonte imensurável de sensações, sentimentos e experiências que o leitor pode vir a conceber para a construção de sua alteridade. Neste caso, as memórias de Seth exercem um papel importante nesse processo, pois:

> Pensar, pesar, evocar, rememorar as experiências iniciais e posteriores da leitura, por exemplo, são gestos que afetam o ato de ler e impregnam das vivências de cada um, dando ao leitor a oportunidade, pouco a pouco, de conscientizar-se. (YUNES, 2009, p. 23)

Na interação do leitor e obra é que as construções de identidade e alteridade vão se solidificando. “Precisamos aprender quem somos. E precisamos mexer nas memórias para conhecer/criar esse ‘eu’ identitário.” (YUNES, 2009, p.24) Entender que as pessoas possuem culturas, políticas e pensamentos diferentes são formas de se aproximar do humano.

Na narrativa de *Beloved*, alguns personagens são importantes destacar para a compreensão sobre memórias e os conflitos vividos na casa da ficção. Uma delas é a Baby Suggs, matriarca da família do 124.

A Avó, Baby Suggs não apenas alimentava e convidava os negros a dançarem e chorarem ao redor da fogueira, nos rituais que mantinha sua cultura viva, ela também tinha voz para clamar aos negros, que tinham sido escravas, o resgate do amor perdido frente ao sofrimento causado pelo opressor. “Amem suas mãos! Amem. Levantem e

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

beijem suas mãos. Toque outros com elas toquem uma na outra, esfreguem no rosto [...] Vocês têm de amar, vocês!" (MORRISON, 2001, p. 134)

Com a chegada Seth, no 124, os sentimentos de Baby Suggs mudaram. O infanticídio cometido por Seth, sua nora, trouxeram à tona memórias do passado que eram revividas pelo fantasma da criança morta. Logo, Baby Suggs perdera a vontade de sair e se trancou em silêncio, assim como todos da casa. A casa, assombrada pelo fantasma de Amada não deixava as mulheres que moravam ali viverem suas vidas de forma tranquila. Amada era a própria memória do passado, reivindicando espaço e identidade.

A casa da ficção tem um papel relevante no que diz respeito ao público e ao privado, pois a casa ao mesmo tempo em que mantém a família de Baby Suggs longe dos olhares da vizinhança, preservando assim, a privacidade da família, também sofre influências do público, no convívio dentro da casa.

> Privado e público, passado e presente, o psíquico e o social desenvolvem uma intimidade intersticial. É uma intimidade que questiona as divisões binárias através das quais essas esferas da experiência social são frequentemente opostas espacialmente. [...] E a inscrição dessa existência fronteiriça habita uma quietude do tempo e uma estranheza de enquadramento que cria a "imagem" discursiva na encruzilhada entre história e literatura, unindo a casa ao mundo. (BHABHA, 1998, p.35)

Nesse sentindo a discussão entre obras ficcionais e não ficcionais promovem o espaço intersticial, sugerido por Bhabha (1998). Muito do que foi discutido neste trabalho sobre a relevância da casa da ficção está ligada a um espaço-tempo real, pois retrata um momento vivido na história do afrodescendente e revela sentimentos, ao entrar na casa da ficção, que a literatura permite explorar por meio da verossimilhança. Dessa forma, revisitar, através da obra literária, o passado, é reescrever a história, é pensar o presente questionando as divisões binárias.

A questão interessante a pensar, no contexto da obra *Beloved*, diz respeito à escravidão e o rompimento desta, com a abolição da escravatura e os discursos políticos e históricos construídos sobre os conceitos de liberdade, no contexto que se denomina

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

pós-colonial. A palavra pós exprime a noção de momento posterior. Esse momento posterior ao colonialismo sugere um rompimento, uma passagem de um período colonial para um período não colonial. Bhabha (1998) discute isso, tentando desconstruir a dicotomia entre colonial e pós-colonial. Esse autor, explica ainda sobre as relações de culturas e contexto diferentes, usando a palavra 'além' para designar o que ele chama de fronteira.

Para Bhabha (1998), a fronteira não é um espaço geograficamente marcado, mas é o lugar de encontros, de culturas e pessoas em que as experiências são mesclas de culturas e pensamentos compartilhados. Portanto, é preciso revisitar o passado para que se compreenda a história de um povo e não meramente excluir o passado para o investimento de uma nova nomenclatura: pós. A soma de experiências e a participação da cultura negra na história precisam ser lidas no passado, mas, não como memórias póstumas, e, sim, como força que alimenta o pensar de forma igualitária no mundo contemporâneo.

A partir do momento em que o leitor, capaz de ler as entrelinhas do texto, compreende que uma obra literária carrega em si, não apenas a poesia, mas muito das experiências do mundo e que estas experiências são importantes e que não poderiam ser ditas de outra forma, pois como narrativas literárias mantêm a sua liberdade de expressão protegida entre os braços da verossimilhança, pode-se pensar que a identidade está sendo construída no ato da leitura e da interpretação.

> Como criaturas literárias e animais políticos, devemos nos preocupar com a compreensão da ação humana e do mundo social como um momento em que algo está fora de controle, mas não fora da possibilidade de organização. Este ato de escrever o mundo, de tomar a medida de sua habitação, é captado magicamente na descrição que Morrison faz de sua casa da ficção – a arte como a presença totalmente apreendida de uma assombração da história. (BHABHA, 1998, p. 34)

Lendo *Beloved* o lugar do afrodescendente é posto em questão. E através da narrativa literária pode-se entender o que sente e pensa o colonizado. Entender que as

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

narrativas são construídas por sujeitos que nem sempre estão do mesmo lado e, que cada um desses sujeitos constrói a sua identidade e a sua história.

Os cus de Judas, de António Lobo Antunes

Os Cus de Judas é um romance que trata sobre os horrores da guerra e da loucura humana em momentos de conflitos. António Lobo Antunes, nascido em Lisboa e autor da obra, relata de forma lírica suas memórias como um médico que deixou sua cidade natal, sua família e amigos a serviço do exército português. O destino era Angola, país do continente africano, que até o ano de 1974 era colônia de Portugal.

As experiências do narrador e também protagonista do romance, relatadas na obra, são entre os anos de 1970 a 1973, período em que Angola estava sob domínio de Portugal. A ênfase das reflexões críticas, do autor, é nos relatos de dor e embate cultural e identitário que a guerra pode conferir aos que dela participa e principalmente sobre as relações entre colonizado e colonizador.

No começo da narrativa o narrador personagem relata momentos vividos com a família onde moravam perto de um zoológico em Portugal. Também os jantares com o avô patriota que se vangloriava com medalhas de condecoração, que enfeitavam a casa. Tudo narrado de forma pacífica, não embutida, nesse momento da narrativa, sentimentos outros, a não ser o de paz e segurança que um lar pode proporcionar.

Mas o sentimento de patriotismo, alimentado no passado pelo avô nas reuniões de família passaram por revisões, quando o protagonista, em missão do exército, chega à África. As primeiras impressões que o português, médico, branco e colonizador daquele território que acabara de chegar não eram bem o sentimento de missão ao qual se poderia considerar justa.

> As madrugadas, de resto, são o meu tormento, gordurosas, geladas, azedas, repletas de amargura e rancor. Nada vive ainda e, todavia, uma ação indefinível ganha corpo, aproxima-se, persegue-nos, incha-nos o peito, impede-nos de respirar livremente, as pregas do travesseiro petrificam-se, os móveis, agudos, hostilizam-nos. [...] no interior de nós, teimoso, insistente, dolorosamente lento, caminha este comboio que atravessa Angola, de Nova Lisboa ao Luso, a transbordar de

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

> homens fardados que cabeceiam contra as janelas à procura de um sono impossível. (ANTUNES, 2010, p. 33)

O sono não saciado, o sexo não saciado, a dor pela perda dos amigos em combate, os gritos, os gemidos dos doentes nas enfermarias é a rotina dos dias em Angola. E cansaço, descontentamento e questionamentos começavam a eclodir:

> [...] são os guerrilheiros ou Lisboa que nos assassinam, Lisboa, os americanos, os russos, os chineses, o caralho da puta que os pariu combinados para nos foderem os cornos em nome de interesses que me escapam, quem me enfiou sem aviso neste cu de Judas de pó vermelho e de areia, [...] me sinto cavalo de narinas enfiadas na alcofa de vodka, mastigando o feno azedo do limão. (ANTUNES, 2010, p.40)

O pensamento sobre a identidade como um conjunto de características e papéis que o indivíduo desempenha na sociedade deixa perceber na narrativa, e nos trechos antes citados, que, claramente, o narrador se descobre outro. Longe da terra natal e de seus entes queridos, ele tem como missão aliviar as dores físicas de seus colegas de guerra. Estas experiências se acumulam a tantos sentimentos diferentes que o leva a fragmentação de identidades: uma identidade calma e pacífica ao lado da família, e outra de dores e raiva ao lado de colegas que estão unidos pelo mesmo sentimento de solidão e desespero.

> [...] as minhas filhas crescem numa casa de que cada vez menos recordo, de móveis bebidos pelas águas de sombra do passado, as mulheres que encontrei depois abandonei-as ou abandonaram-me [...] Talvez que a guerra tenha ajudado a fazer de mim o que sou hoje e que intimamente recuso: um soldado melancólico a quem se não telefona e cujo telefonema ninguém espera, tossindo de tempos em tempos para se imaginar acompanhado [...]. (ANTUNES, 2010, p.56)

Entre todas as loucuras que a guerra trouxe no silêncio da noite, a solidão, as lembranças dos amigos mortos em combate, as bebedeiras permanentes e as relações sexuais com as negras, eram uma constante. As masturbações noturnas dentro dos quartos e banheiros, os pôsteres de mulheres nuas permitiriam casos constantes de

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

abusos de mulheres locais. Mulheres negras que tinha como defesa o silêncio e se sentiam submissas aos senhores brancos armados, raivosos e selvagens.

Quando o protagonista começa a perceber as relações injustas na terra da África, quando se coloca na condição de alguém que também está sendo injustiçado por uma causa desnecessária, é como se sua identidade se partisse em muitos pedaços, causando certa confusão no que ele pensava antes, sobre lar, família, paz e segurança.

Nessa perspectiva, Os Cus de Judas propõe um olhar não etnocêntrico da cultura, mas um olhar de igualdades em que os mesmos medos, alegrias e anseios, entre povos de culturas diferentes, podem ser conferidos.

> Etnocentrismo é uma visão do mundo com a qual tomamos nosso próprio grupo como centro de tudo, e os demais grupos são pensados e sentidos pelos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade etc. (ROCHA, 2012, p. 7)

O sentimento de injustiça que o narrador e protagonista parece refletir ao chegar a Angola, parte do pressuposto de que tanto os portugueses quanto os angolanos em questão sofreram e foram vítimas da guerra. Nenhum soldado, mesmo que dentro da farda, a favor da guerra, saberia ao final desta, quais os verdadeiros motivos dela. Para os angolanos, que eram submetidos a um estado de servidão e violência dentro de seu país de origem, seria ainda mais difícil entender tamanha crueldade.

O fato é que a casa na obra Os Cus de Judas, antes sinônimo de paz, harmonia e tranquilidade, passa a ser, em decorrência da guerra, um refúgio onde os fantasmas da injustiça e da solidão dividem morada, e exorcizá-los parece ser tarefa tão árdua quanto os caminhos que os levaram até ali.

> [...] O medo de voltar ao meu país comprime-me o esôfago, porque, entende, deixei de ter lugar fosse onde fosse, estive longe demais, tempo demais, tempo demais para tornar a pertencer aqui, [...] Flutuo entre dois continentes que me repelem. (ANTUNES, 2010, p.182)

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

No trecho acima, o protagonista reflete sobre a sua identidade, sem saber como agir, depois das experiências da guerra, ao chegar a seu país e em sua casa. As marcas que a guerra deixou foram avassaladoras em todos os sentidos. Como ele mesmo descreve: "a guerra tornou-nos bichos [...] bichos cruéis e estúpidos ensinados a matar." (ANTUNES, 2010, p.123)

Nesse sentido, a casa da ficção na obra Os Cus de Judas, representa a solidão envolvida por todas as lembranças de uma guerra cruel. Importante ressaltar que quando Antonio Lobo Antunes destaca o branco em questão, não generaliza. Ele especifica, em sua obra, que os brancos que sofreram os traumas da guerra foram os combatentes, recrutados para representar Portugal, que eram meros instrumentos que matavam e morriam no campo de batalha, diferente de alguns generais brancos que apenas participavam, assistindo passivamente os acontecimentos.

O narrador personagem termina sua narrativa, resgatando lembranças dos amores não vividos, dos amigos perdidos, das lutas por causas aparentemente igualitárias, mas que favoreciam a poucas pessoas, das marcas na alma naqueles que presenciaram sofrimentos físicos e psicológicos e, da sua apatia em relação à vida.

A memória do período colonial de Angola, na perspectiva de Antônio Lobo Antunes, homem branco, europeu, faz refletir sobre a fronteira em que se encontra o protagonista da obra que se divide entre Portugal e Angola. As experiências relatadas pelo narrador refletem a mescla de culturas e a construção de alteridade que se edifica quando em contato com essa outra cultura, confirmando um espaço fronteiriço que Bhabha discute em seu livro O local da cultura.

Considerações Finais

A soma dos acontecimentos que perpassam a vida de uma pessoa colabora na construção da(s) identidade(s). No entanto, no mais íntimo de suas memórias, principalmente as afetivas, esta construção pode fazer refletir profundamente questões, como por exemplo, as relações de poder entre colonizador e colonizado, oprimido e opressor.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Na primeira análise, Amada, aparece uma escritora negra, que oferece ao leitor mais que uma narrativa sobre fantasmas que assombram uma casa. A casa apresentada é simbólica. Ela representa a memória íntima de cada personagem, vivendo de forma velada resquícios do período escravo.

Em Os Cus de Judas, segunda obra analisada, surge um escritor branco, europeu, que relata o período de guerra entre Portugal e Angola. E a casa da ficção nesse ínterim, representa a solidão de um médico militar que não consegue mais se identificar com o país de origem por causa das injustiças cometidas em território africano e contra eles próprios, os patriotas. A casa para ele, que antes era sinônimo de alegria, passara a ser um lugar em que a solidão arrancava-lhe sempre no meio da noite o sossego do sono e onde as memórias das injustiças cometidas com as mulheres e homens da África o dominavam, tornando-o recluso em seu lar, longe de amigos e familiares.

Portanto, têm-se de um lado as memórias afetivas de mulheres negras, carregando o peso do período da escravidão, como acontece em Amada e de outro lado, memórias afetivas de um branco e médico militar de Portugal, em Os Cus de Judas. A intenção com isto não é dicotomizar a cultura africana e européia, mas reforçar que através das memórias narradas, nestas obras literárias, o leitor pode conhecer a fundo os sentimentos compartilhados em perspectivas diferentes e, de alguma forma, sensibilizar-se frente uma prática de igualdade em que prevaleçam os sentimentos humanos, independente das relações de poder em que os protagonistas, de ambas as histórias, foram submetidos.

A conscientização sobre as marcas que a escravidão e que a guerra deixam nas pessoas, só poderiam ser contadas, abrindo as portas de suas casas, e é isto que a literatura faz. O leitor é convidado a entrar e entrando nunca sairá o mesmo. A literatura provoca, convoca e retira-se aninhada à sua subjetividade, deixando a beleza e os questionamentos que farão pensar a história e as culturas numa perspectiva crítica, por razões racionais, mas sem desconsiderar as razões emocionais e pessoais que o atingiram no decorrer da leitura.

ANAIS ELETRÔNICOS
ISSN 2317-157X

Referências

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, António Lobo. **Os Cus de Judas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

BHABHA, Homi. "Introdução". **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BAUM, L. Frank. **O mágico de Oz**. Tradução de Santiago Nazarian. São Paulo: Barba Negra: Leya, 2011.

COSSON, Rildo. **Letramento Literário**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. 16º ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MORRISON, Toni. **Amada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

ROCHA, Everardo. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Franklin Leopoldo e. **O outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. (Filosofias: o prazer do pensar/ dirigida por Marilena Chaui e Juvenal Savian Filho).

YUNES, Eliana. **Tecendo um leitor**: uma rede de fios cruzados. Curitiba: Aymará, 2009.